

Balancos do trimestre devem mostrar resultados estáveis

Prévia de resultados Receitas devem vir estáveis, com desempenho positivo da alta renda

Analistas veem balanços ainda resistentes no segundo trimestre

Ana Luiza de Carvalho e
Cristiana Euclides
De São Paulo

As companhias brasileiras de capital aberto devem apresentar balanços sem muitas surpresas no segundo trimestre, com receitas estáveis, apesar da continuada pressão dos custos em alguns setores. Acima da média estarão as empresas ligadas à alta renda, segundo analistas consultados pelo **Valor**.

Indústrias Romi abre a temporada, hoje, com a divulgação de seus dados depois do pregão.

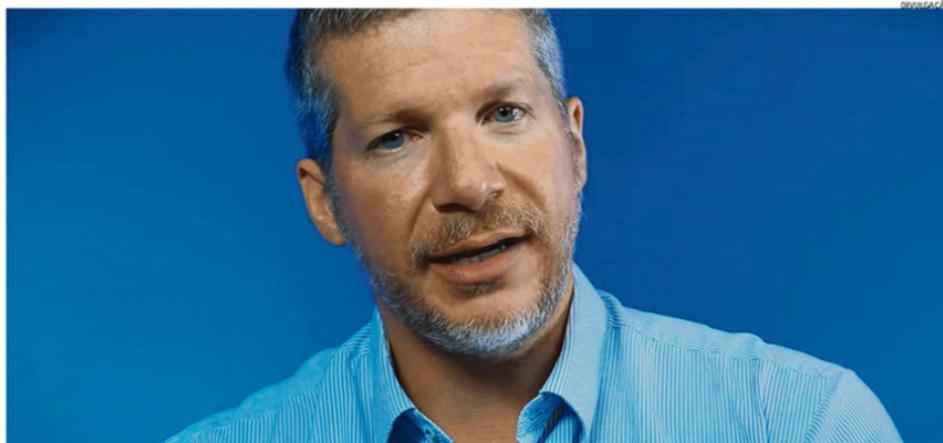
Para compensar o cenário macroeconômico de juros elevados, inflação acelerada e custos pressionados, os analistas argumentam que as empresas têm olhado para dentro das operações e linhas de processos para reduzir despesas e aperfeiçoar logística e distribuição. As prévias operacionais de shoppings e construtoras que saíram não decepcionaram, segundo eles.

"Não deve ser um trimestre de grandes surpresas. Há a retomada de algumas atividades, mas ainda há muita incerteza, e o preço de commodities está arrefecendo", diz a analista-chefe do Inter Research, Gabriela Joubert. O repasse dos custos elevados compensará parcialmente a redução de volumes vendidos em vários setores, o que ajuda a manter as receitas estáveis, embora a pressão inflacionária ainda cause recuo de margem de lucro.

"Empresas mais ligadas à alta renda devem continuar com desempenho melhor neste segundo trimestre, assim como no primeiro", diz o analista sênior de renda variável do BTG Pactual, Bruno Lima, que espera balanços saudáveis, a despeito do ambiente macroeconômico.

Uma amostra veio das prévias operacionais das empresas do setor de shoppings voltadas à média e alta renda. "As prévias têm mostrado velocidade de vendas saudáveis, com as empresas gerando algum caixa ou consumindo pouco, e pouco endividadas, com baixa alavancagem", diz.

No setor de construção, a tendência é diferente. Os lançamentos imobiliários estão em patamares estáveis, refletindo a dinâmica natural do mercado após dois anos de lançamentos fortes, com as empresas focadas na venda de estoque, diz Lima.



Bruno Lima, analista sênior do BTG: "Empresas mais ligadas à alta renda devem continuar com desempenho melhor no segundo trimestre, assim como no primeiro"

Os segmentos de média e alta renda indicam uma desaceleração à medida que os juros dos financiamentos acompanham a escalada da taxa Selic. Por isso, André Mazini, analista do Citi, ressalta perspectivas animadoras para o segmento de baixa renda.

O banco diz que as construtoras com maior participação em programas habitacionais vêm apresentando bons números em suas prévias, tendência que deve se manter nos próximos meses.

O analista destaca as recentes mudanças no programa habitacional Casa Verde Amarela, como a ampliação do teto de renda do programa, que favorecem a demanda por habitação popular.

Embora a taxa básica de juros venha sendo reajustada desde 2021, a população de renda mais baixa conta com taxas subsidiadas pelo governo e pela Caixa, o que proporciona maior resiliência às construtoras voltadas a esse público.

"O Brasil começou a subir os juros muito antes da maioria dos outros bancos centrais, começamos a lidar com problema de inflação antes", diz, acrescentando, entretanto, que o câmbio também preocupa e torna o cenário mais complicado.

O efeito cambial é mais óbvio para companhias que têm a importação como componente relevante de custos, mas no geral as empresas devem conseguir entregar margens operacionais também boas, diz.

Já para as produtoras e exportadoras de commodities, é mais

fácil visualizar como deve ser a temporada, uma vez que os preços dos produtos já estão dados. Minério de ferro, aço e alumínio estão sob forte pressão, o que indica redução nos lucros no segundo trimestre. Os preços do petróleo também desaceleraram, mas continuam em patamares elevados, o que é prenúncio de bons resultados.

O Bank of America (BoFA) prevê que os preços de minério de ferro mais baixos devem prejudicar os resultados, juntamente com taxas de frete mais altas. Segundo o banco, os custos devem aumentar para Vale e CSN Mineração, com maiores gastos com combustível e despesas portuárias.

Emissões recordes de dívida sugerem que as companhias podem estar se preparando para um ambiente pior

Quanto às siderúrgicas, Gerdau e Usiminas vêm com crescimento de lucros por causa dos reajustes no trimestre e a CSN vai ter o impacto da piora dos preços na divisão de minério de ferro.

Petróleo e gás continua com resultados positivos no segundo trimestre, segundo o sócio-fundador da Nord Research, Bruce Barbosa, ainda que não tão fortes quanto no primeiro devido à desaceleração nos preços. As margens do setor devem vir estáveis.

João Daronco, analista da Suno Research, destaca a maior eficiência e diz que não ficaria surpreso com aumento de margem. "Houve ganhos fortes, em especial ante o ano passado."

Outro setor industrial de peso, papel e celulose, deve se beneficiar do aumento dos preços no trimestre, o que compensa as pressões de custo persistentes e um real médio mais valorizado, diz o BoFA.

No varejo, em especial voltado à baixa renda, os resultados devem vir fracos, em meio ao cenário de juros altos e período inflacionário, segundo Barbosa, da Nord. "O custo está mais alto e as empresas não conseguem repassar porque o consumidor está sem crédito, com a renda pressionada", diz.

Neste cenário, é natural esperar queda nas margens para manter as vendas, de acordo com Daronco, da Suno. Os resultados do varejo também devem ser afetados pelo fenômeno de aumento de competição, diz.

Além disso, na pandemia o canal on-line cresceu bastante, e com menores impactos da crise sanitária as compras nesta modalidade ficam menos fortes. "As empresas na bolsa que tem canais online tendem a sofrer mais", segundo Barbosa.

Ele ressalta que as varejistas brasileiras não devem enfrentar um problema que está impactando as americanas, como Walmart e Target, no segundo tri-

mestre: o aumento dos estoques. Barbosa diz que o cenário no Brasil é diferente.

"A reversão econômica nos Estados Unidos acabou de começar, aqui não, já tem um tempo que os juros estão subindo", afirma. As perspectivas eram de piora econômica neste ano no Brasil, e a situação vem melhorando, enquanto nos Estados Unidos as empresas aumentaram estoques apostando numa retomada que não aconteceu.

Para os supermercados, a Ativa Investimentos diz continuar enxergando para o segundo trimestre um cenário de redução do ticket-médio e "trade-down" de marcas e categorias em função da pressão da inflação de alimentos no bolso dos consumidores.

"À medida que as companhias tentam manter seus volumes de vendas aquecidos, vemos uma maior pressão nas margens brutas em base anual, além de um maior aumento dos juros e de despesas operacionais prejudicando as margens Ebitda e o lucro", diz a corretora.

As eleições presidenciais de outubro certamente estão no radar das empresas, embora não se espere muitos comentários por parte dos executivos nos relatórios que acompanham as demonstrações financeiras. Os analistas vão procurar comentários sobre as incertezas geradas, num momento que emissões recorde de dívida sugerem que elas se preparam para um ambiente pior.

